

A VELHA GUARDA

Órgão local do Partido Republicano Portuguez

Redactor principal:

Editor:

Propriedade da Empresa de A Velha Guarda

JOAQUIM DE ALMEIDA GUIMARÃES

AGOSTINHO F. ROCHA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: — RUA ELIAS GARCIA, 46 — Composto e impresso na Tip. de AVELHA GUARDA — Rua Elias Garcia, 45 GUIMARÃES

AFONSO COSTA

O «Diário de Notícias», publicou, ha dias, o seguinte telegrama:

GENEBRA, 2 (urgente) — Hoje, na sessão da assembleia da Sociedade das Nações, o sr. dr. Afonso Costa interveiu em defesa dos interesses da representação de Portugal no conselho executivo dêsse organismo, obtendo o que pôde chamar-se um verdadeiro triumpho.

Discutiam-se as emendas ao pacto, e o sr. dr. Afonso Costa, tendo-lhe sido dada a palavra, subiu á tribuna e, durante algum tempo, desenvolveu, com notavel brilho, os seus pontos de vista, defendendo os principios introduzidos nas suas emendas com uma precisão e uma nitidez que mereceram elogios de toda a assembleia.

Lord Robert Cecil, antigo ministro britânico e delegado da Africa do Sul, e o sr. Giuseppe Motta, presidente da Confederação Helvética, immediatamente manifestaram o seu apoio ás doutrinas expostas pelo chefe da delegação portuguesa.

Então, o sr. dr. Afonso Costa, mandou para a mesa quatro propostas de emenda ao pacto, nas quais concretizava o seu pensamento. Na primeira pretende-se democratizar quanto possível o Conselho Executivo da Sociedade das Nações, fazendo substituir todos os anos os quatro membros não permanentes, dando assim motivo a que todas as potencias venham, dentro de certo prazo, a ter representação no corpo directivo. As três restantes referem-se a artigos em que se tornava preciso introduzir alguns principios, como aquele que consagra, definitivamente, a questão da competência obrigatoria do Tribunal Permanente de Justiça Internacional, e a eliminação de toda a possibilidade de se recorrer á guerra, depois de estar pronunciada a sentença de arbitragem em qualquer conflicto que se suscite entre duas ou mais nações.

Durante o seu brilhantissimo discurso, que terá uma repercussão graúde em todo o mundo, visto que assinala o triumpho das aspirações dos países excluidos do conselho executivo, o sr. dr. Afonso Costa teve ensejo de dar uma réplica extremamente feliz, ao presidente da Conferencia, sr. Huysmans, ministro dos Negocios Estrangeiros da Belgica, o que provocou, por parte da assembleia, uma explosão de aplausos, que se repetiu quando o chefe da delegação portuguesa desceu da

tribuna. Alguns delegados de maior categoria levantaram-se para o cumprimentar.

O exito da intervenção do sr. dr. Afonso Costa, neste assunto de tanta importancia para o brio de Portugal acentuou-se dum modo particularmente lisongeiro pelo facto das suas propostas receberem a confirmação e o aplauso de homens como o sr. Balfour, por parte da Inglaterra; Léon Bourgeois, por parte da França e Giuseppe Motta, por parte da Suíça, que, sucessivamente, subiram á tribuna para se declararem de accordo com o delegado de Portugal. O sr. Balfour, que é tambem o ministro dos Negocios Estrangeiros britânico, aconselhou mesmo a assembleia a associar-se á proposta do sr. dr. Afonso Costa. — (Especial).

O nosso presado colega do Porto, «A Tribuna», comenta esta importantissima noticia com as seguintes palavras, de inteira justiça, que fazemos nossas, pois com nenhuma outra poderíamos melhor exprimir o nosso pensamento:

«Por uma coincidência feliz, o homem que ha três anos era violentamente arrancado do poder e, entre os sarcasmos duns revoltosos poltrões que não queriam bater-se pela sua Patria, arremessado para as cadeias e para o exilio, esse homem que então, como hoje, consubstanciava o espirito da raça e as aspirações supremas de um povo, é hoje aclamado pelas mais altas celebrações mundiais e consegue para a sua Patria o prestigio e a gloria que a traição dezembrista havia comprometido.

Ha três anos, Sidonio Pais, Solari Alegre e outros traidores de igual jaez, cusplam afrontas sobre o nome honrado e illustre do mais alto espirito da nossa terra. Hoje, homens como Balfour, Léon Bourgeois e Giuseppe Motta, sentem-se vencidos e convencidos pela eloquência soberba de Afonso Costa, aceitam-lhe os pontos de vista e felicitam-no e aplaudem-no.

Ha três anos, traidores que da Republica se tinham apossado para gaudio dos seus appetites insaciáveis e satisfação dos seus rancores pessoais, encerravam-no numa fortaleza, tentavam assassiná-lo, injuriavam-lhe a familia e obrigavam-no a homisiar-se para não morrer ás mãos de sicarios sem nome. Hoje, esquecendo os agravos e vivendo intensamente a vida da sua Patria que enternecidamente ama; Afonso Costa faz voltar para este Portugal esquecido as atenções do mundo inteiro.

Como se devem sentir pequenos e hediondos, no seu odio impotente, os traidores que, ha três anos, aproveitando uma campanha ignobil de covardia, conseguiram expulsá-lo do Poder!

E como se podem sentir orgulhosos aqueles que, nas horas amargas da derrota e das deserções, ao lado dêsse homem se collocaram, esquecidos de si e dos seus, pensando apenas na salvação da sua Patria e vivendo intensamente as aspirações supremas que elle incarnava!

Não nos escondemos na hora da derrota. Não desertamos na hora do perigo. Pelo ideal sagrado que Afonso Costa defendia, tambem lutamos e sofremos.

Três anos volvidos, vão para elle as nossas comovidas saudações, cada vez mais certos de que Afonso Costa não regateará, no momento oportuno, á sua Patria, os altos serviços que só elle lhe poderá dispensar.

1.º de Dezembro de 1640

No quartel do regimento de infantaria n.º 20, realizou-se na penultima quarta-feira, com a maior solenidade, a comemoração desta gloriosa data. Discursou aos soldados, o sr. capitão Duarte Fraga, descrevendo as causas que levaram o povo português a revolução do 1.º de Dezembro de 1640 e como esta se realizou, terminando o seu discurso patriótico por dizer:

«O dia 1.º de Dezembro é digno da maior comemoração patriótica que possa formar-se do entusiasmo da alma puramente portuguesa.

O 280.º anniversario do historico dia 1.º de Dezembro de 1640 deve ser solenemente festejado pelo povo e pela Patria, pois são credores permanentes dessa manifestação, tão heroicamente reivindicada por esses quarenta portugueses que conseguiram o «terminus» da opressão, obtendo pelo patriótico instincto, o raiar da independencia do nosso queridissimo Portugal.

A heroica acção praticada pelos portugueses de 1640, adquirindo para a terra natal o direito da existencia independente, deve estar permanentemente em todos os espiritos como lembrança de tão brilhante facto e como exemplo de um dever a seguir. Seisenta anos de uma lastimosa decadencia moral foram seguidos dum rasgo de patriotismo que causou o espanto ao mundo inteiro.

O 1.º de Dezembro de 1640 foi saudado por longo tiroio durante 28 anos de guerras em que os portugueses defenderam palmo a palmo a sua querida Patria até que depois de tamanha luta viram a sua acção premiada com a independencia nacional que legaram ás

gerações que se seguiram. Somos hoje os herdeiros dessa responsabilissima herança. Temos que conservar intactos esses palmos de terra regada pelo sangue dos nossos maiores. Unamo nos todos; formemos com os nossos peitos uma muralha inexpugnável; abraçemos, com esses braços de ferro que os portugueses sempre tiveram, esta nossa Patria. Apontemos ao mundo inteiro que somos independentes.

Patria! Independencia! Seja este o nosso grido de união. Amar a Patria é amar a familia e o amor é a verdadeira defeza. Cantemos todos bem alto os hinos das nossas glorias; peçamos as responsabilidades que temos e enquanto existir um português existirá um braço para amparar aos ventos a bandeira que simbolis Portugal. Saudemos, pois, soldados, este grande dia.

Salvê, o 1.º de Dezembro de 1640.

Saudar esta data é, como vos disse, memorar o dia em que um punhado de bravos conquistou a emancipação da nos-a querda Patria e afirmou eloquentemente quanto prezamos a independencia nacional. Esta saudação é um protesto energico de que manteremos feso o patrimonio que nos legaram esses quarenta heróis e de que defenderemos o pavilhão da nossa autonomia até á ultima trincheira contra os ataques que lhe possam vir dos inimigos do nosso bem e da nossa independencia.

Soldados: Viva a Patria!
Vivam os heróis de 1640!
Viva a Republica!

Dos jornais

(CONCLUSÃO)

«O Comercio da Povoia de Varzim» em artigo de fundo intitulado «Já não foi sem tempo!» e assinado pelo deputado Santos Graça, comentando a scisão Domingos Pereira:

«Referiam nos, claro está aos chamados «dominguistas», que em todas as votações se afirmavam em perfeita rebeldia com os seus correligionarios da Camara e com os altos corpos dirigentes do partido. Verberando o facto, afirmamos que o não suportaríamos e dispostos estavamos a abandonar a vida politica, se a tais senhores fosse dada pelo Congresso partidario a qualidade de correligionarios.

Só esperavamos a reunião magna — para seguirmos a nossa firme orientação, porque sempre prezamos, na vida publica como na particular, a lealdade.

Felizmente, não foi preciso esperar pelo Congresso. Estamos livres dessa praga, que contaminava todas as nossas energias dando aos correligionarios a triste impressão dum degladiar de vaidades e de odios que desalentava os mais fortes.

É caso agora para afirmar que o partido ficou são e escorreito, livre dos graves achaques que o collocavam numa inferioridade que se não coadunava com o seu passado glorioso de bom servidor da Republica.

«Noticias do Norte», jornal republicano de Braga:

«No tempo do sidonismo era sidonista como já dissemos e ainda se duvidas houvesse para melhor lucidação, transcrevemos o seguinte final duma carta dirigida pelo sr. tenente coronel Guilherme de Azevedo ao sr. Francisco José Rodrigues, carta publicada nos «Ecos do Minho» de 5 de Maio de 1918.

«Não é a perda da eleição, em que fui largamente roubado, que me causa pesar; é a folencia dos homens que eu politicamente desconhecia, que me traz pavor; porque desespere de ver erguer o paiz para uma vida melhor, não obstante os esforços e as nobres intenções dos homens que fizeram a revolução de 5 de Dezembro que eu ajudei a soldar.»

Após a queda do sidonismo, entrou no P. R. P. pela mão do dr. Domingos Pereira, que sem escrúpulo, o aceitou, bem como a outros monárquicos, protegendo-os, quando eles deviam ser demittidos dos seus cargos, pelo D. 3203 de Março de 1919.»

Do «Seculo», jornal extra-partidario:

«Os reconstituintes saíram do partido democratico por não concordarem, disse-se, com certos processos facciosos ou jacobinos do seu antigo grupo politico. Ao dominguista succede o mesmo, — saíram pelos mesmos motivos, segundo por aí se diz tambem. Mas a voz publica, a que chamam voz de Deus, sorri e diz, por sua vez, que justamente os elementos que abandonaram aquele partido foram os que mais n'ele vincaram o sectarismo jacobino e intolerante.»

Da «Tribuna», do Porto, em correspondencia de Braga:

«Lêmos ontem nos jornais que se desligara do P. R. P. o sr. José Maria da Torre Lopes Viana. Alegrou nos imenso tal noticia, não porque a referida Torre seja má creatura, mas porque nos lembramos que s. ex.ª foi o director do centro monárquico democratico cristão e a «Torre trancheira» dos republicanos que, em excurção, vieram do Porto a Braga em 1908. Como não podia deixar de ser, preferindo todos os republicanos, o sr. Domingos Pereira fez d'ele escrivão (?) das execuções fiscaes.

A factos como este se deve a justa indignação dos republicanos de Braga contra aqueles que, só em momentos criticos, os procuravam. Mas... amanhã falaremos.»

Do «Comercio do Porto», em correspondencia das Caldas das Taipas:

«No passado domingo, o povo da freguezia de S. Martinho de Sande, com o regedor á sua frente, dirigiu-se ás propriedades que a sr.ª D. Custodia Crespo all possui, clamando em altos gritos que queriam m'ho, e como o quizessem a 48000 réis e a sua proprie-

